



MONOGRAFIAS

1



CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS NA *LUSITANIA* (DO ALTO IMPÉRIO À ANTIGUIDADE TARDIA)

Coordenação de José Carlos Quaresma e João António Marques

Título

Monografias AAP

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Carlos Quaresma, João António Marques

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia de capa (cabeça de terracota localizada na c/Almendralejo 41, Mérida)

M. Bustamante

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

ISBN

978-972-9451-55-3

Depósito legal

396123/15

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos publicados neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- 7 Prefácio
João António Marques
- 9 Introdução. Um estímulo ao estudo de contextos
José Carlos Quaresma
- 13 *Terra sigillata Italica* from Caladinho (Redondo, Portugal)
Rui Mataloto; Joey Williams
- 25 Um contexto constructivo de época tardo augustea em *Augusta Emerita*
Macarena Bustamante
- 41 Um contexto alto-imperial da Rua dos Remédios, Lisboa
Rodrigo Banha da Silva
- 69 Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)
Vitor Pereira, Alcina Cameijo, António Carlos Marques
- 85 Um contexto do segundo quartel do século II: a vala do estacionamento de *Ammaia*, São Salvador de Aramenha, Marvão
José Carlos Quaresma, Vitor Dias
- 105 A *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche – última fase de produção
Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico Sepúlveda, Inês Alves Ribeiro
- 117 Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): séculos III-V
Cézer Santos, Jorge Raposo, José Carlos Quaresma
- 149 O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da *Lusitania*
António Manuel S. P. Silva, Pedro Pereira, Teresa P. Carvalho, Filipe Pinto, Laura Sousa

O CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA): UM CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO TARDO-ANTIGO NO EXTREMO NOROESTE DA *LUSITANIA*

António Manuel S. P. Silva¹, Pedro Pereira², Teresa P. Carvalho³, Filipe Pinto⁴, Laura Sousa⁵

¹ Gabinete de História, Arqueologia e Património – ASCR/Confraria Queirosiana (V. N. Gaia). CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Porto) / amspsilva@hotmail.com.

² CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Porto) / papereira@letras.up.pt

³ Gabinete de História, Arqueologia e Património – ASCR/Confraria Queirosiana (V. N. Gaia). CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Porto) / tcarvalho60@gmail.com

⁴ CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Porto) / filipempinto@gmail.com

⁵ Gabinete de História, Arqueologia e Património – ASCR/Confraria Queirosiana (V. N. Gaia). CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Porto) / laura_sousa@hotmail.com

Resumo

O *Castelo* de Crestuma situa-se num esporão rochoso na margem esquerda do rio Douro. A ocupação do local, que remonta à proto-história, teve particular expressão a partir do Baixo Império romano, a par da utilização, provavelmente portuária, de duas enseadas adjacentes. As investigações arqueológicas têm vindo a revelar uma ocupação intensa, atestada sobretudo por milhares de entalhes e outras estruturas negativas, a partir dos finais do Império, altura em que ali se terá instalado um ponto de defesa do cais que se supõe ter existido no sopé. Este texto apresenta algumas das produções cerâmicas identificadas num contexto ribeirinho (Sector P), nomeadamente a *terra sigillata* (TSHT, TSA e TSF), ânforas e *dolia* e ainda a cerâmica cinzenta tardia, materiais que documentam deposições secundárias de cronologia tardo-antiga.

Palavras-Chave: Lusitânia, Tardo-Antiguidade, Comércio, Rio Douro.

Abstract

Crestuma's Castle is a rocky hill in the Southern bank of river Douro. The archaeological project is revealing a complex multiperiodal site, occupied from Iron Age. A main settling period occurred during Late Antiquity, connected with a port or mooring dock, placed at the foot riverside. In the top and the slopes of the hill a huge amount of negative structures, like post-holes and other rock-cuts are the principal archaeological features, being difficult to assign them a chronology. Seemingly, a fortress must have been installed on the hill just to defend the port. The text presents some ceramic productions identified in Crestuma, namely fine wares as ARS, LRC and Late Hispanic *terra sigillata*, DSP imitations of grey table ware and North African and East Mediterranean amphorae, which came from Late Antiquity secondary deposits.

Keywords: *Lusitania*, Late Antiquity, Trade, River Douro.

1. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO: HISTORIOGRAFIA E CARACTERIZAÇÃO

A elevação conhecida como *Castelo* na freguesia gaiense de Crestuma localiza-se na margem esquerda do rio Douro à cota de cerca de 57 metros de altitude¹. É constituída por um esporão rochoso assente num substrato litológico metassedimentar de xistos, metaconglomerados, metagrauvaques e outras rochas, ladeado por dois pequenos areais onde desaguam linhas de água afluentes do Douro: a Nascente o areal do Esteiro, a jusante o de Favaios (Figs. 1 e 3).

A tradição de naquele morro pedregoso ter existido uma fortificação, registada em dicionários e corografias antigos, ter-se-á conservado tanto no microtopónimo como na própria designação da freguesia, explicada desde o século XVIII pela aglutinação da raiz *Castr* – com o nome do principal rio da terra, o Uíma. Todavia, foi apenas em meados do século XX que um erudito local, Arlindo de Sousa, trouxe a público as evidências notórias da antiga ocupação do sítio. Primeiro em breve nota (Sousa, 1945) e depois com maior detalhe (Sousa, 1957), aquele investigador noticiou a descoberta de necrópoles (provavelmente uma romana e outra medieval), o achado de uma inscrição funerária romana, restos arquitectónicos, cerâmicas e em particular, no que se refere ao monte do Castelo, “muitas covas redondas e rectangulares (...) cavadas na pedra firme”, não deixando de observar a existência de muitas pedras lavradas de granito, rocha estranha à geologia local (Sousa, 1957, p. 17-18). De acordo com os paradigmas da interpretação arqueológica da época, A. Sousa classificou o Castelo como uma “estação lusitano-romana” (Sousa, 1945, p. 405, nota 5).

¹ Coordenadas geográficas centrais: 41°04'06.97"N e 8°30'12.53"O (WGS84).



Figura 1 – O monte do Castelo, visto da margem Norte do Douro. À direita (Poente) o areal de Favaios.



Figura 2 – Uma fase de escavação dos Quadrados LM15, no Sector P.

Em finais da década de 1970, Carlos Alberto Ferreira de Almeida caracterizou o local como fortificação medieval com antecedentes proto-históricos ou, pelo menos, tardo-romanos (Almeida, 1978, pp. 11, 36, 51), acentuando mais tarde a sua cronologia tardo-antiga (Almeida, 1989, p. 43; 1992, p. 374). Referências posteriores pouco adiantaram à interpretação da estação (Guimarães, 1993a; 1993b, p. 20; Silva, 1994, p. 66), e só em data mais recente a importância e carácter multiperiodal do complexo arqueológico foram devidamente assinalados (Guimarães; Guimarães, 2001; Silva, 2007), reconhecendo-se, na esteira de A. Sousa, tratar-se de um sítio de grande extensão com evidências não só no monte do Castelo como também em toda a frente de rio a montante e a jusante e na elevação vizinha do Outeiro.

Nos finais do século passado, o sítio arqueológico entrou em processo de acelerada degradação, para o que contribuíram algumas obras públicas (Guimarães; Guimarães, 2001), situação travada com a aquisição dos terrenos pelo Município e a sua valorização, desde 2009, como Parque Botânico.

As áreas intervenionadas no topo do Castelo e em plataformas próximas a Oeste e Nordeste (Fig. 3) têm evidenciado uma das características mais notáveis do sítio: uma profusão inaudita de estruturas negativas, visíveis tanto nos afloramentos rochosos que se encontram expostos, como onde a escavação

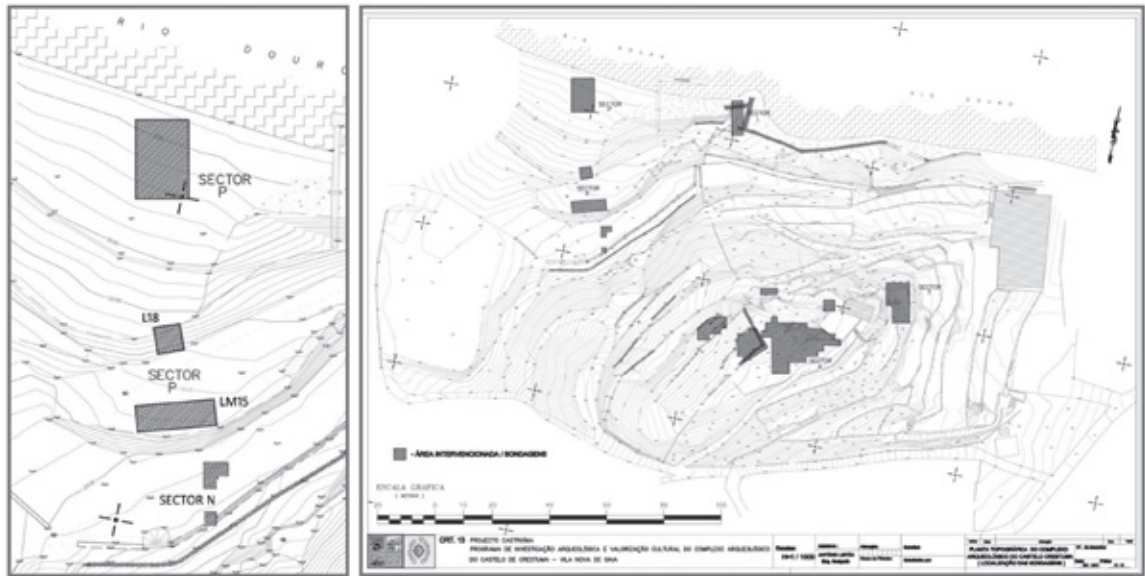


Figura 3 – Planta do Castelo de Crestuma, com implantação dos sectores escavados. À esquerda, um detalhe da área do Sector P (Levantamento: A. Leitão/Multimapa).

O projecto de investigação arqueológica em curso desde 2010 (Guimarães; Silva, 2010)² tem vindo a permitir que finalmente se comecem a desvendar alguns dos segredos que o *Castelo* guardou durante séculos, devolvendo à história o que a história aparentemente não registou.

Os trabalhos arqueológicos feitos desde 2010 incidiram em diversos sectores e totalizaram uma área escavada que ronda os 730m². Não interessando aqui pormenorizar os seus resultados, que têm vindo a ser divulgados (Silva; Guimarães, 2011; 2013a; 2013b; Pereira, 2011a; Guimarães; *et Al.*, 2013; Silva 2013; 2014), sintetizaremos os aspectos essenciais e o faseamento geral da ocupação.

² O projecto de investigação é desenvolvido pelo Gabinete de História, Arqueologia e Património de V. N. Gaia (ASCR-CQ) com financiamento da empresa municipal Águas e Parque Biológico de Gaia, EEM.

levantou os depósitos que os cobriam. Trata-se de entalhes e cavidades de diferentes dimensões e morfologias, desde os conhecidos usualmente como “buracos de poste”, de plano subcircular, passando por entalhes rectangulares de escassa profundidade até outros, de grandes dimensões ou irregulares, cuja funcionalidade nos escapa. A par destas estruturas, observam-se ainda muitos cortes, degraus, entalhes, aplanamentos e outras evidências que tentámos organizar tipologicamente (Silva; Guimarães, 2013b) mas cuja sequenciação cronológica é muito difícil de aferir, quer pela escassa possança estratigráfica da área, quer pela falta de datações absolutas.

Não obstante, é perceptível na área culminante a orientação geral das estruturas segundo dois alinhamentos predominantes, um OSO./ENE., outro sensivelmente SSE./NNO., incluindo quer os “buracos de poste” ligados a arquitecturas em madeira, como também os entalhes destinados a receber

silhares em pedra. As estruturas positivas, muito raras, limitam-se a pequenos tramos, muito desmantelados, de alicerces. Bem diferente é o ambiente dos sectores situados na zona ribeirinha de Favaios, a Noroeste da elevação, de onde provêm os materiais arqueológicos aqui descritos, que adiante se apresentará.

2. FASEAMENTO DA OCUPAÇÃO DO CASTELO DE CRESTUMA

Os trabalhos realizados permitem propor o seguinte faseamento geral da ocupação do sítio (Silva; Guimarães, 2011; 2013a):

Fase 1 – Idade do Ferro. Encontra-se atestada pelo achado disperso de cerâmicas com pastas micáceas e formas típicas destes horizontes culturais (Silva; Guimarães 2013a: 10), sem que se tenham localizado ainda depósitos homogêneos ou estruturas coevas;

Fase 2 – Alto Império Romano. Momento mal documentado, que se adivinha por uma meia dúzia de fragmentos de *sigillata* hispânica e alguns objectos de adorno em bronze, como uma fíbula e um pendente tipo sanguessuga (Silva; Guimarães, 2013a, p. 10, 18), para além da inscrição funerária romana aparecida na primeira metade do século XX, cujo contexto se desconhece;

Fase 3 – Tardo-antiguidade. A época compreendida entre os séculos IV-V e os séculos VI-VII é a que apresenta vestígios mais expressivos, correspondendo talvez ao período de mais intensa ocupação do *Castelo* e das áreas contíguas ao Douro. É ilustrada pelo conjunto ergológico mais volumoso, incluindo, entre as cerâmicas, *terra sigillata* tardia hispânica, africana e foceense, ânforas orientais e norte-africanas, para além de um bom conjunto de vidros do mesmo período, uma moeda de Constâncio II e outros objectos;

Fase 4 – Alta Idade Média. Ignoramos se o sítio arqueológico teve ocupação entre os séculos VII e IX. Todavia, algumas cerâmicas detectadas especialmente nos sectores superiores, respeitam a recipientes datáveis nos séculos X ou XI (Silva; Sousa,

2014), o que permite supor, atentas as condições topográficas, a instalação de um castelo roqueiro por essa época, no contexto da expansão do reino astur-leonês conhecida convencionalmente como “reconquista cristã”.

As fases seguintes referem-se ao percurso do local nos séculos subsequentes, que desconhecemos até à época contemporânea, altura em que foi utilizado para fins agrícolas e criação de gado, situação em que chegou à segunda metade do século XX.

3. A ÁREA DO SECTOR P, UM CONTEXTO MUITO PARTICULAR

No pequeno areal designado por Favaios, situado na zona Noroeste da estação (Figs. 1 e 3), a presença de espólio arqueológico de superfície, detectado com as oscilações das marés, levou a que ali se fizesse uma intervenção. Foram escavados nesta área (Sector P) 48 m² entre 2010 e 2012, distribuídos pelos quadrados L15-M15 (32 m²) numa plataforma à cota de 16 metros e por outra quadrícula (L18) à cota de cerca de 14 metros, já em pleno areal (Figs. 2 e 3). Os contextos usados para este estudo são provenientes dos quadrados L15/M15.

A escavação atingiu mais de dois metros e meio de profundidade nos quadrados LM15 até atingir depósitos geológicos naturais, e cerca de três metros no L18, tendo ali sido interrompida por razões de segurança. Em nenhuma das áreas se localizaram estruturas ou evidência de ocupação *in situ*, tão só depósitos secundários, essencialmente aluvionares (provenientes das cheias e marés do rio Douro e de uma linha de água que ali desagua) e, sobretudo nos quadrados LM15, também coluvionares, ou seja, resultantes de deslizamentos desde cotas superiores.

A sequência estratigráfica demonstra precisamente a orientação dos depósitos superiores quer no sentido do rio Douro (Fig. 4), quer no sentido Este-Oeste, descendo para a ribeira afluente, actualmente distanciada algumas dezenas de metros mas que em época antiga ali formaria, ao encontrar-se com o Douro, uma pequena enseada como foi sugerido por outros trabalhos feitos no local.

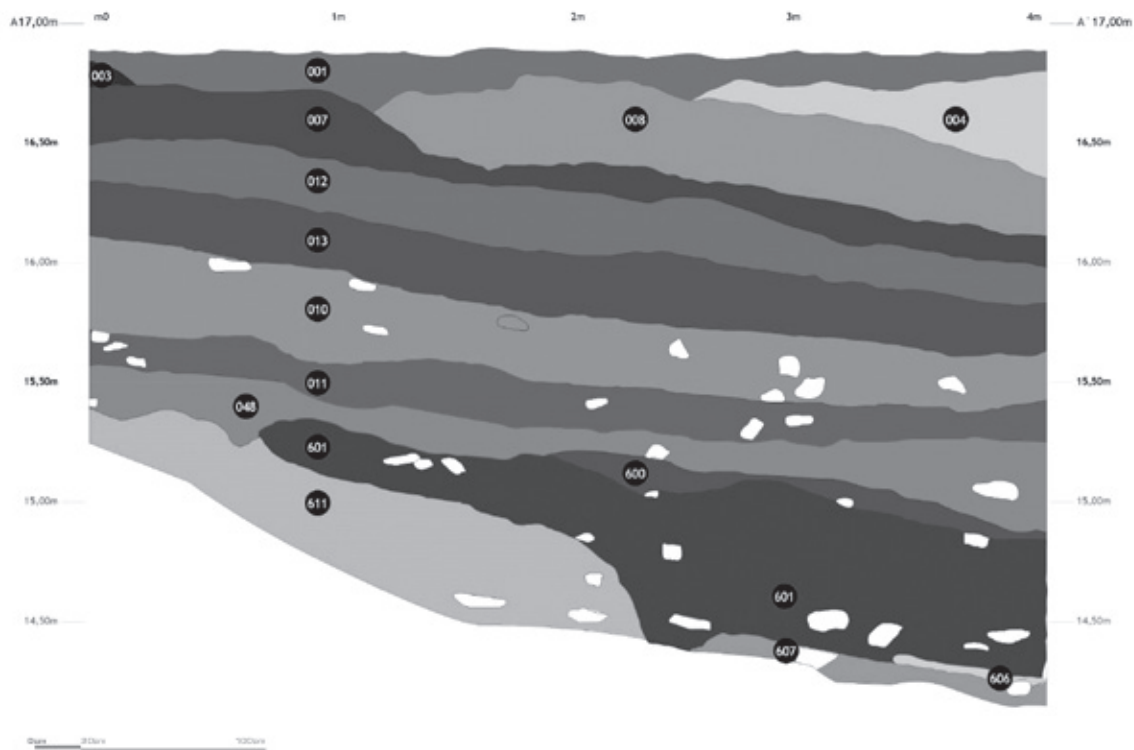


Figura 4 – Quadrado L15. Corte estratigráfico Oeste (2012).

Em termos gerais, a análise estratigráfica dos Quadrados LM15, parece sugerir dois grandes horizontes: o primeiro, que julgamos de formação moderna e contemporânea, integra os depósitos mais superficiais até à UE 13; o segundo, a partir da UE 10, não forneceu já praticamente materiais modernos e parece resultante de sedimentações mais antigas, se bem que se distingam diversos episódios coluvionares, marcados por valas de enxurrada que transportaram sedimentos, calhaus e naturalmente materiais arqueológicos. Uma vez que não dispomos ainda de datações radiométricas e a composição artefactual das diversas UEs compreendidas neste intervalo deposicional é bastante similar, não entendemos proveitoso subfasear este grande “pacote sedimentar”, optando por quantificar e estudar em lote o espólio arqueológico das UEs posicionadas na matriz estratigráfica entre a [10] e os níveis basais [611] = [245] (Fig. 5).

Outras acções relevantes para a compreensão deste ambiente foram entretanto realizadas. Em 2010 foi identificado em terrenos próximos um

conjunto de sete grandes pedras em granito com aparelhamento de tipo romano (almofadados e marcas de *forfex*), provenientes, segundo informação dos proprietários, de uma vala aberta a grande profundidade em meados da década de 1990, no âmbito da instalação do gasoduto de transporte de gás natural, que atravessa o Douro naquele ponto (Silva; Guimarães, 2013a, p. 15; Guimarães; *et. al.*, 2013, p. 52). Estes elementos, indiciando construções de certo vulto, dadas as suas dimensões, levaram a colocar a hipótese de ali poder ter existido um cais de atracagem de embarcações ou estrutura similar. Para testar esta possibilidade foram feitas prospecções com geo-radar³, as quais, entre outros elementos de interesse, revelaram expressivas anomalias num alinhamento sensivelmente paralelo ao rio Douro a uma cota de cerca de oito metros, já em área de influência das marés.

³ Trabalhos realizados pela empresa Dryas Octopetala, de Coimbra.

Em 2012 e 2013 foram feitas naquele local sondagens mecânicas, aproveitando o intervalo de poucas horas da baixa-mar, que detectaram a presença de restos de uma estrutura feita com silhares de granito a cerca de 0,75 metros de profundidade, para além de elementos em madeira ainda não caracterizados. Assim, confirmou-se a intuição de que o local terá servido como ponto de acostagem de embarcações. Entretanto, prospecções realizadas por toda a frente de rio entre os areais de Favaios e do Esteiro, a par de algumas acções de mergulho⁴, levam-nos a pensar que a “área portuária” (entendendo-se a expressão com naturais reservas face à informação disponível) seria muito mais extensa que a (hoje) pequena enseada de Favaios.

4. O CONJUNTO CERÂMICO

O material cerâmico apresentado provém dos depósitos do sector P indicados, concretamente as Unidades Estratigráficas números 10, 11, 12, 40, 48, 240, 245, 246, 261, 600, 601 e 606.

Nestes contextos foram recolhidos 14.191 fragmentos cerâmicos, sendo 75,6% correspondentes a materiais de construção, especialmente pedaços de *tegulae* e *imbrices*, um volumoso conjunto (c. de 1.100 kg), de potencial informativo não desprecioso mas que não importa a este estudo. A cerâmica doméstica, de armazenamento e transporte foi contabilizada em 3.469 fragmentos e encontra-se categorizada nos seguintes grupos crono-tipológicos:

- Cerâmica micéica** (olaria proto-histórica), com 139 fragmentos (4,0% do total de cerâmica doméstica);
- Cerâmica comum**, essencialmente tardo-antiga, podendo incluir alguma já medieval, com 2.313 fragmentos (66,7%);
- Cerâmica cinzenta tardia**, incluindo, além das séries tardo-antigas alguma da Alta Idade

Média, grupo representado por 476 fragmentos (13,7%);

d) **Terra sigillata** hispânica, hispânica tardia, norte-africana e foceense, com 83 fragmentos (2,4%);

e) **Material anfórico**, essencialmente representado por tipos tardo-antigos, com 409 fragmentos (11,8%);

f) **Dolia** e outro vasilhame de armazenamento, com 46 fragmentos (1,3%);

g) **Cerâmica medieval**, atribuída genericamente aos séculos X-XI, com apenas dois exemplares (0,1%);

h) **Cerâmica moderna**, meramente vestigial e intrusiva, representada por um único fragmento (0,02%).



Figura 5 – Matriz estratigráfica dos Quadrados LM15 do Sector P.

⁴ Trabalhos para os quais se associou ao projecto a arqueóloga subaquática Cândida Simplicio (IAS – Investigação Arqueológica Subaquática, Lda.) e que contaram também com a colaboração de mergulhadores da Companhia de Bombeiros Sapadores de Vila Nova de Gaia.

Grupos crono-tipológicos	Totais	
	Frag.	%
Micácea/proto-histórica	139	4,0%
Comum	2.313	66,7%
Ânfora	409	11,8%
<i>Dolia</i>	46	1,3%
Cinzenta Tardia	476	13,7%
<i>Sigillata</i>	83	2,4%
Medieval	2	0,1%
Moderna	1	0,0%
Totais	3.469	100,0%

Quadro 1 – Distribuição do espólio cerâmico por grupos crono-tipológicos.

Esta distribuição (**Quadro 1**), que adiante comentaremos, mostra não só uma notória diversidade de origens e fabricos, nomeadamente nas *sigillatae* e ânforas, como também um espectro cronológico claramente centrado no período tardo-antigo mas com algumas cerâmicas mais antigas, romanas mas especialmente proto-históricas, cuja presença decorre do processo deposicional e da natureza secundária dos contextos, como explicitámos. Neste trabalho apresentam-se apenas a *sigillata*, a cerâmica cinzenta tardia, as ânforas e os *dolia*, não sendo abordados, por falta de espaço e porque o seu estudo se encontra menos desenvolvido, a cerâmica proto-histórica (Silva; Guimarães, 2013a, p. 10), a cerâmica comum (Silva; Pereira; Carvalho, no prelo), a cerâmica medieval (Silva; Guimarães, 2013a, p. 17; Silva; Sousa, 2014) e a moderna.

No que respeita ao espólio arqueológico de outra natureza merecem destaque algumas dezenas de fragmentos de vidro, globalmente datáveis entre os séculos IV e VI, o *nvmms* de meados do século IV já referido e alguns objectos em bronze, nomeadamente fragmentos de uma fíbula tipo Aucissa e de outra talvez mais antiga, para além de um pendente de colar tipo sanguessuga.

5. TERRA SIGILLATA

A *terra sigillata* recolhida nestes contextos, ainda que pouco representativa no conjunto cerâmico

(apenas 2,4%), é bastante significativa para a interpretação da ocupação do sítio e permite ensaiar algumas perspectivas comparativas com outros contextos do Noroeste peninsular, como é o caso de *Bracara Augusta* ou da cidade portuária de Vigo. Trata-se de um conjunto de 83 fragmentos distribuído por produções de *Terra Sigillata Africana* (TSA), com 53% dos fragmentos, hispânicas, quase todas tardias (TSHT), com 30% e foceenses (TSF), com 17% das ocorrências, permitindo o cômputo de pelo menos 43 vasilhas (**Quadro 2**).

Se bem que proveniente de contextos secundários, este conjunto de louça fina revela certa homogeneidade cronológica, podendo subdividir-se em dois grupos crono-tipológicos: um que se situa *grosso modo* entre o primeiro quartel do séc. V e inícios do séc. VI (à excepção das formas africanas Hayes 93 e *Atlante* XLVI 8-10, com uma perduração que pode ir até ao fim do séc. VI); o segundo, francamente do séc. VI, onde situaríamos as formas mais tardias da TSA (Hayes 104 A ou B) e as da TSF (Hayes 3F). Colocamos as formas de TSHT no primeiro grupo, uma vez que as poucas formas classificáveis não parecem prolongar-se para o séc. VI (**Fig. 7**).

No que se refere à *sigillata* hispânica tardia⁵ observa-se uma aparente exclusividade das produções riojanas, da chamada produção D (Paz Peralta, 1991, p. 49-51; Mayet, 1984, p. 316-17), sobretudo integráveis no Grupo 2 definido por aqueles autores, o que parece sugerir que terá chegado a Crestuma por via marítima e não fluvial, como seriam, provavelmente, as provenientes dos *ateliers* que são conhecidos no vale do Douro.

Pelas formas e pelos fabricos, julgamos que esta produção hispânica terá antecedido ligeiramente as importações mediterrânicas, uma vez que encontramos fragmentos aparentados à forma 15/17, que não terá ido muito além do terceiro quartel do séc. IV, como parecem indicar os achados em *Turiaso* (Saragoça), Santa Cruz (Burgos) ou Numancia (Paz

⁵ Registam-se escassos fragmentos de produções hispânicas do Alto Império, difíceis de tipificar, interessantes em especial por documentarem a ocupação do local nessa época.

Fabricos	Tipos	Bordo	Pança	Fundo	Frag.	%	NMI
TSA	Hayes 73	1			1	2,3	1
	Hayes 82	1			1	2,3	1
	Hayes 87A/B	2			2	4,5	2
	Hayes 91 A/B	1	1		2	4,5	1
	Hayes 93 A/B	1			1	2,3	1
	Atlante XLVI (8-10)	2			2	4,5	2
	Hayes 104 A1 e A2	2		3	5	11,4	2
	Estilo A(ii) / A(iii)			1	1	2,3	1
	Estilo A (iii)			1	1	2,3	1
	Indeterm.	2	14	12	28	63,6	12
Subtotal		12	15	17	44	100,0	24
TSF	Hayes 3C	6			6	42,9	6
	Hayes 3F	1			1	7,1	1
	Hayes 3B	1			1	7,1	1
	Indeterm.		2	4	6	42,9	4
	Subtotal	8	2	4	14	100,0	12
TSH/TSHT	Indeterm. Alto Império	1	2		3	12,0	1
	Hisp. 5t	1			1	4,0	1
	Hisp. 37t lisa		1		1	4,0	1
	Hisp. 8t	1			1	4,0	1
	Indeterm.	2	14	3	19	76,0	3
	Subtotal	5	17	3	25	100,0	7
Totais		25	34	24	83		43

Quadro 2 – Distribuição da terra sigillata por fabricos e tipos.

Peralta, 1991, p. 61). Em Mérida, não se testemunha esta forma nos contextos do séc. IV, surgindo apenas um caso isolado num contexto do séc. V (Bustamante, 2010, p. 110). Também a forma Hisp. 8T (Fig. 6, nº 18), cujo perfil parece apontar para um desenho intermédio entre os tipos A e B (Paz Peralta, 1991, p. 57), aponta para uma cronologia do séc. IV (Bustamante, 2010, p. 102) ou eventualmente do séc. V. A forma Hisp. 37T (Fig. 6, nº 20) apresenta um bordo simples e a parede externa ligeiramente moldurada, tendo as paredes altas e esvasadas e um diâmetro de 145mm, mais próximo dos exemplares mais pequenos desta forma (Paz Peralta, 1991, p. 117), datada por este autor da segunda metade do séc. IV, mais difundida no V. Finalmente a forma Hisp. 5T (Fig. 6, nº 19) tem uma cronologia lata, podendo chegar aos finais do séc. V, embora muitos dos exemplares desta época tenham decoração

estampada na aba, de influência gálica tardia (*Idem*, p. 69). Apesar destes materiais sugerirem um contexto aparentemente mais antigo, não existem exemplares de TSA desta época que os acompanhem.

Só a existência de uma estratigrafia mais fina, de contextos primários, nos indicaria se a presença da TSHT seria residual junto com a africana. A TSA apresenta-se com sete formas diferentes nos fabricos D (1 e 2) e última fase do fabrico C (C5) na forma Hayes 82 (Silva; Carvalho, 2014). Trata-se, na sua maioria, de formas tardias. A cronologia geral destas produções situa-se entre o séc. V avançado e a primeira metade do século VI, sendo escassas as formas mais recentes.

Entre as peças de TSA D, situaríamos, no primeiro grupo cronológico que referimos (séc. V), as formas Hayes 73, 82, 87A e as 91, 93 e *Atlante* XLVI 8-10 (Fig. 6, nºs 1, 3-5, 8-10), estas últimas a

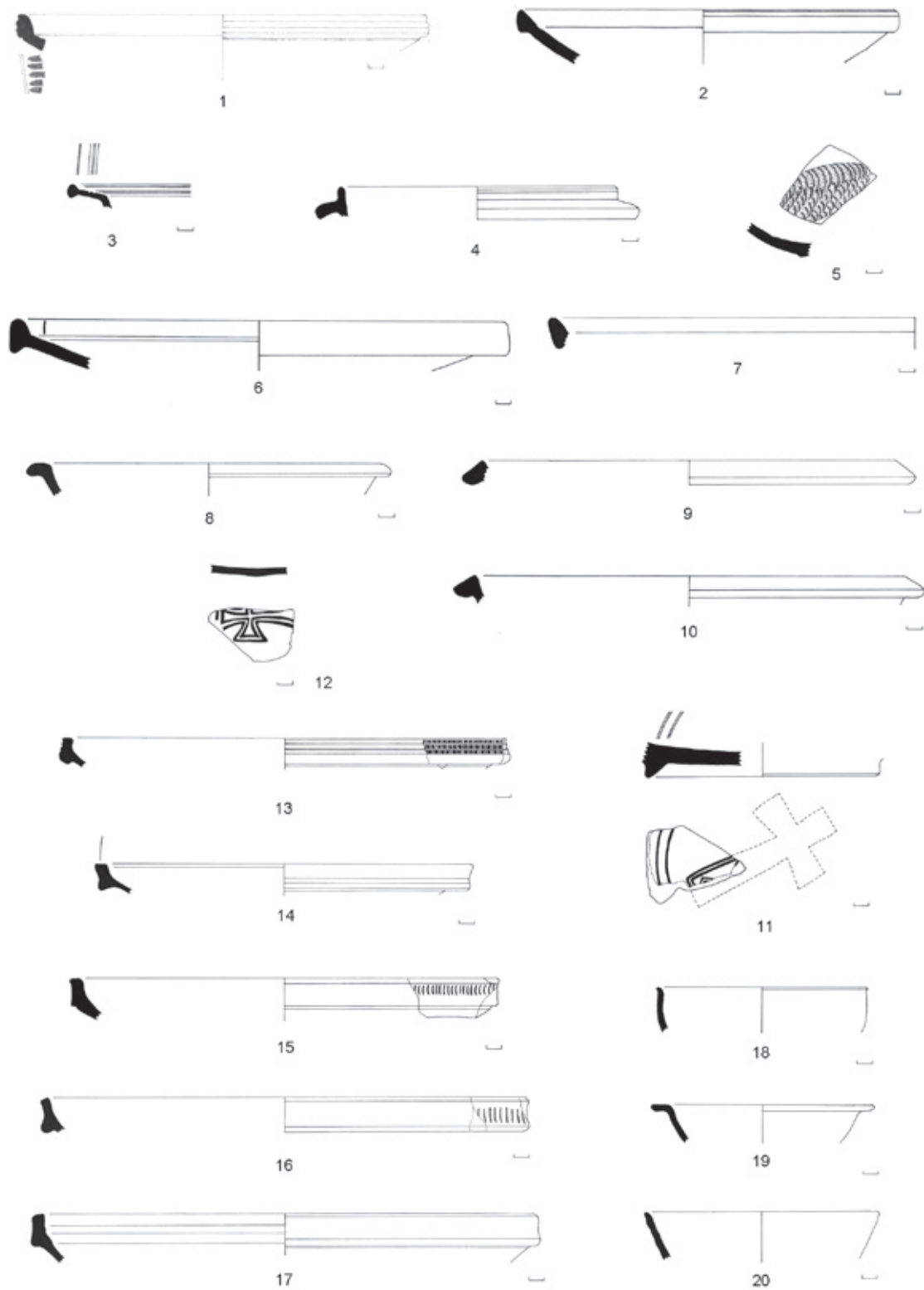


Figura 6 – Terra sigillata.

fazerem já a transição para o séc. VI. Como tipos mais característicos do século VI teríamos as formas Hayes 87B (Fig. 6, nº 2), 104A1 e A2 (Fig. 6, nºs 7-6), integráveis no primeiro e no segundo quartel do séc. VI e as decorações do estilo E (ii, Fig. 6, nº 11), a que se juntam as formas de origem oriental. Curiosamente, estão ausentes as formas Hayes 50, 58, 59 ou 61 em qualquer das suas variantes, tão comuns no Noroeste do nosso País (Quaresma; Morais, 2012, p. 382). Com estas formas, parece acabar o comércio mediterrânico destes fabricos, já escassos na segunda metade do séc. VI.

As produções de cerâmica focense, com menor peso no contexto, estão representadas maioritariamente por bordos do tipo Hayes 3 (Fig. 6, nºs 13-17), forma que entre meados do séc. V e meados do séc. VI domina os mercados mediterrânico e atlântico (Quaresma; Morais, 2012, p. 380). Os exemplares de Crestuma são relativamente variados, parecendo pertencer em grande parte à variante C, de bordos altos verticais, ligeiramente côncavos no exterior, tal como sucede em Braga (Quaresma, Morais, 2012, p. 375), embora o nº 16 da Fig. 6 pudesse talvez ser classificável como Hayes 3B, devido à concavidade externa aliada à

parte mais alta do bordo, na parte interna. Apesar da dificuldade, em distinguir as variantes de bordo B e C, como admitido por Hayes (1972, p. 331), considerámos como Hayes 3C a peça nº 17; do mesmo modo que nos parece Hayes 3F o exemplar nº 13, com o bordo mais baixo e a moldura externa muito redonda, forma datável da primeira metade do séc. VI (Reynolds 2004, p. 228 e 230). Registem-se ainda alguns exemplares sem decoração roletada (nºs 17 e 14, este último com o bordo moldurado). Por fim, anote-se um fundo de recipiente indeterminado, decorado com uma cruz latina de dupla linha (Fig. 6, nº 12), talvez derivada da TSA, pertencente ao grupo III (Hayes 1972, p. 348-9), com cronologia entre 470 e 580, parecendo o nosso exemplar semelhante ao nº 71 ilustrado por Hayes (1972, p. 367), datado entre finais do século V e inícios do seguinte.

Como primeira aproximação ao comércio revelado pelos achados de Crestuma, pode sublinhar-se uma forte componente atlântica, quer pela origem da TSHT, que viria do Norte talvez até Vigo (Fernández Fernández, 2010, p. 376, 380), sendo aí embarcada até ao Douro; quer no que toca à TSA e TSF, procedentes do Sul igualmente por via marítima.

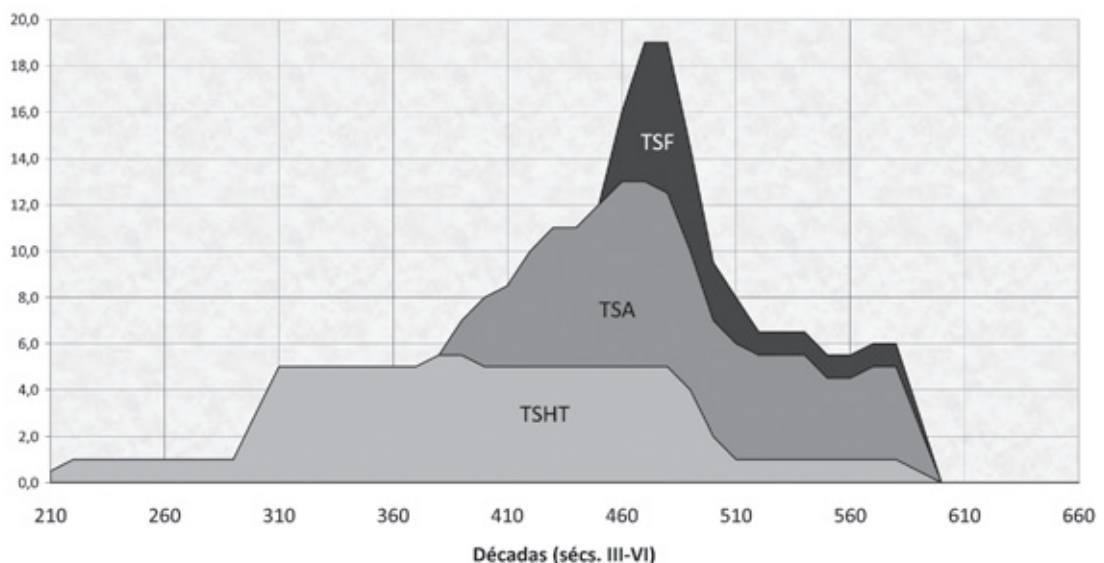


Figura 7 – Distribuição cumulativa dos fabricos de *terra sigillata* (NMI) ao longo do intervalo da sua produção.

De um ponto de vista absoluto, parece que, à semelhança de Braga (Quaresma; Morais, 2012, p. 375-6), o maior conjunto de importações de longa distância parece ser de TSA, mas se compararmos as importações e consumo de *sigillata* norte-africana, no mesmo período, com a TSF, verificamos que esta é a mais numerosa entre os fins do séc. V e os inícios do VI, como se observou também em Vigo (*Idem*, p. 382). Da mesma forma, em Braga, considerando a maior concentração de cerâmica focense a partir do terceiro quartel do séc. V, verifica-se um equilíbrio entre TSF e TSA (Quaresma; Morais, 2012, p. 376), enquanto que em Crestuma, só os fragmentos da forma Hayes 104 ou, noutros contextos, da Hayes 105 os acompanham. E é de salientar também a maior percentagem da forma Hayes 3C, seguida pela Hayes 3E, logo substituída pela Hayes 3F, para o segundo quartel do séc. VI. Também em Vigo (Fernández Fernández, 2010, p. 376, 380) é referido que a TSF substitui e inclusivamente ultrapassa a TSA no séc. VI enquanto que no séc. V o comércio ainda é dominado pela TSA.

6. CERÂMICA CINZENTA TARDIA

Este grupo cerâmico das épocas tardo-antiga e alto-medieval terá sido pela primeira vez individualizado no nosso País no estudo dos materiais provenientes das escavações luso-francesas de Conímbriga, sob a designação de “*céramiques grises du Bas-Empire*”, já então englobando quer as louças importadas, quer os fabricos locais que acusassem influência formal ou estilística das produções exógenas (Delgado, 1976, p. 65).

Todavia, foi a partir dos achados feitos em *Bra-cara Augusta* e depois em Dume e outros locais que o estudo e designação desta cerâmica se consolidaram (Gaspar, 1985; 1995; 2000; 2003; Fontes; Gaspar, 1997; Delgado; Morais, 2009, p. 61-69; Martínez, 2013), definindo-se claramente os dois grandes grupos em que pode classificar-se: o Grupo 1, correspondente às peças que imitam ou se inspiram de forma evidente em formas de *sigillata* norte-africana, focense ou gálica; o Grupo 2

integrando as formas comuns onde aquelas características não se evidenciam⁶.

Naturalmente, estas cerâmicas ocorrem também em outros contextos tardo-antigos pelo menos do Norte e Centro do País como é o caso do Convento da Costa, Guimarães (Freitas, 2013; Freitas; Real, 2014), do casal romano da Malafaia, Arouca (Silva, 2004; Silva; *et Al.*, 2008; Silva; Lemos; Ribeiro, 2013) ou do castro de Valinhas, também em Arouca (Silva, 1995; 2004; Silva; Ribeiro, 1999), mas esses conjuntos ou são pouco numerosos, ou não se encontram ainda devidamente estudados, o que reforça o interesse do acervo de cinzentas tardias de Crestuma.

À semelhança do que se verifica em Braga, também em Crestuma se destaca neste grupo cerâmico um conjunto de recipientes de fabrico mais cuidado, constituídos exclusivamente por formas abertas que parecem imitar, com maior ou menor fidelidade, formas da *sigillata* tardia, parecendo residir nas DSP a principal fonte de inspiração (Fig. 8), reconhecendo-se, desta maneira, entre os tipos gálicos, um prato Rigoir 1 (Fig. 8, nº 7), taças Rig. 22 (Fig. 8, nº 3), tigelas Rig. 6 (nºs 4 e 5) e Rig. 16 (nºs 1 e 2), entre as formas menos claras ou aqui não representadas, como é o caso de um almofariz Rig. 29. Menos comuns parecem ter sido as imitações de *sigillata* norte-africana ou focense, podendo talvez interpretar-se um fragmento de bordo em aba como inspirado na forma Hayes 57 (Fig. 8, nº 6).

Bem mais representados estão os recipientes que podemos integrar no Grupo 2, correspondendo a modelos autóctones. Ilustram-se aqui algumas formas abertas, como taças (Fig. 8, nºs 8-10), pratos (nºs 12-13) e tachos de asa interior (nº 11); sendo todavia largamente predominantes as fechadas (Silva; Carvalho, 2014, p. 903-5), como jarros (Fig. 8, nº 14), potes (nºs 15-19) ou panelas (nº 20).

Nas cerâmicas cinzentas tardias de Crestuma está praticamente ausente qualquer decoração, salvo uma ou outra canelura ou moldura. Ao mes-

⁶ Vejam-se, para análise mais detalhada dos estudos sobre este grupo cerâmico, Silva; Carvalho, no prelo e Silva; *et. al.*, no prelo.

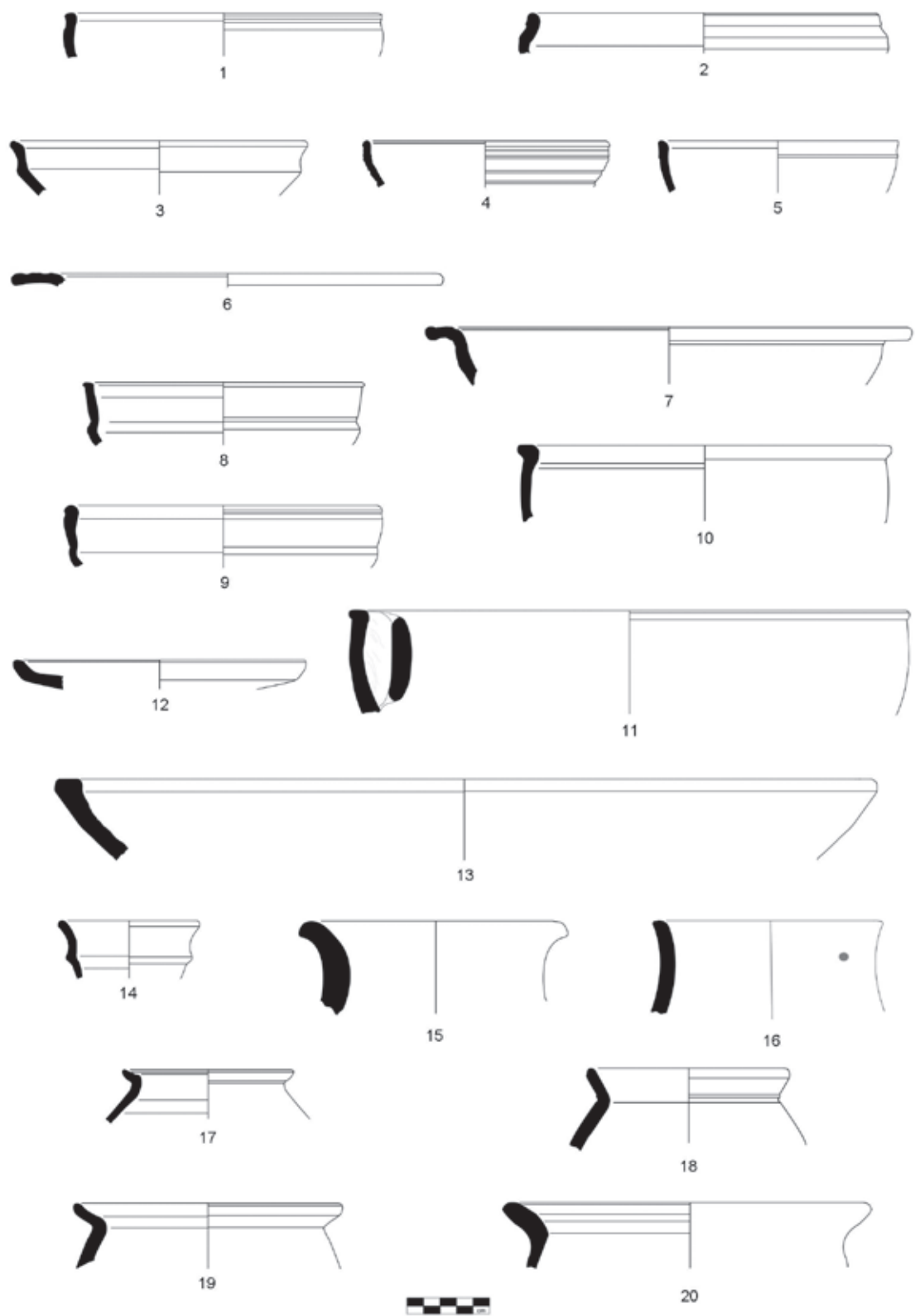


Figura 8 – Cerâmica Cinzenta Tardia.

mo tempo, observa-se em exame preliminar, dado que não foram feitas análises arqueométricas, uma notória diversidade de pastas e tratamento de superfícies, tanto entre as formas do Grupo 2, como do Grupo 1, variabilidade que tanto pode ser lida como resultado de diferentes centros produtores, como da própria diacronia e evolução destes tipos, considerando a longa perduração de alguns deles.

As questões mais prementes acerca destas cerâmicas serão certamente as da sua cronologia e locais de produção. Na verdade, se para os exemplares do Grupo 1 a datação pode ser inferida a partir dos modelos – essencialmente formas das *Derivadas das Sigillatae*, *Paleocristãs* (DSP) e aparentemente em menor quantidade também tipos norte-africanos e foceenses – o que traduz um enquadramento geral centrado nos séculos V e VI; já as formas comuns, locais, do Grupo 2, apresentam maiores dificuldades. Na verdade, como assinalam os diversos autores que têm tratado estas cerâmicas, observa-se uma grande perduração das formas-tipo, nomeadamente potes e painéis, numa sequência temporal que pode estender-se até aos séculos X ou XI (Fontes; Gaspar, 1997), variando apenas as pastas e um ou outro morfotipo.

Já quanto aos centros de produção, os estudos arqueométricos indicaram claramente as argilas da bacia do Prado como matéria-prima da maioria das cinzentas tardias da região bracarense, distintas das cerâmicas similares encontradas em Lugo, por exemplo (Fontes; Gaspar, 1997; Gaspar, 2000; 2003). Na verdade, parece observar-se nesta região uma tradição de produção cerâmica com argilas bastante depuradas, uma manufactura relativamente cuidada e cozedura em ambiente redutor que remontará às cerâmicas cinzentas finas e cinzentas finas polidas do Alto Império, muito comuns nos castros e outros sítios romanizados do Norte de Portugal. Talvez uma parte desses centros produtores se tenham mantido activos durante os séculos seguintes, adaptando a produção às necessidades do mercado e, porventura, desenvolvendo mesmo uma “linha de fabrico” de louça de cozinha mais utilitária a par da execução dos modelos mais eruditos e requintados que imita-

vam a louça de mesa importada, um pouco à semelhança de certos centros oleiros de louça preta de época moderna, que a par dos púcaros e painéis para o dia-a-dia não deixavam de executar alguma olaria fina, de decoração mais elaborada.

7. MATERIAL ANFÓRICO E *DOLIA*

O material de armazenagem e transporte romano e tardo-antigo constitui um dos conjuntos cerâmicos mais vastos provenientes do sector P, representando 13% dos contextos aqui apresentados. O acervo mais significativo é o das ânforas, com 409 peças, sendo residuais os fragmentos de *dolia* (46).

A distribuição do material anfórico por proveniência entre os fabricos reconhecidos, uma vez que o estudo está ainda em curso (Branco, 2014; Silva; Pereira; Carvalho, no prelo), traduz uma larga predominância dos tipos do Mediterrâneo oriental, com 75% das ocorrências e NMI 10⁷, estando as produções africanas documentadas por 11% dos fragmentos (NMI 4) e as ibéricas apenas por 6% mas um NMI de 9 (**Quadro 3**).

A análise tipológica, limitada pelo escasso número de bordos e outros elementos determinantes (**Quadro 3; Fig. 9**) revela a exclusividade dos diferentes tipos de *Late Roman Amphorae* (Silva; Guimarães, 2013a, p. 13), principalmente a LRA 1 (**Fig. 9, nºs 1-4**, com 46%) e a LRA 2 (**Fig. 9, nºs 5-6**, com 38%⁸) com presenças diminutas de LRA 3 (**Fig. 9, nº 7**, 4%) e LRA 4 (2%), ou seja na hierarquia de representação aparentemente mais comum nos contextos atlânticos (Reynolds, 1995, p. 80).

Entre as produções africanas distinguem-se apenas dois tipos, em resultado de igual número de

⁷ Indicam-se os Números Mínimos de Indivíduos, não obstante a escassez de elementos distintivos, cruzando os números máximos de bordos e asas, não deixando de recordar as dificuldades da metodologia de quantificação destes contentores cerâmicos assinaladas por A. Hesnard (1998).

⁸ Não obstante, dadas as pequenas dimensões de certos fragmentos, admitimos algumas dúvidas na classificação de algumas peças, elemento que no essencial não desvirtua o quadro quantitativo geral que aqui apresentamos pela primeira vez.

Fabricos	Tipos	Bordo	Asa	Pança	Fundo	Tampa	Frag.	%	NMI
ORIENTAIS	LRA 1	5	2	136			143	46,6	3
	LRA 2	3	2	109		1	115	37,5	3
	LRA 3	1		11			12	3,9	1
	LRA 4			5			5	1,6	1
	Indeterminadas		2	30			32	10,4	2
	Subtotal		9	6	291	0	1	307	75,1
AFRICANAS	Keay 62A; Bonifay 46	1					1	2,2	1
	Spatheion, Keay 26, Bon. 31	1					1	2,2	1
	Indeterminadas		3	40			43	95,6	2
	Subtotal	2	3	40	0	0	45	11,0	4
IBÉRICAS	Lusitana, indeterminada		2	1			3	12,5	2
	Bética, indeterminada		5	10			15	62,5	5
	Bueu		1	4			5	20,8	1
	Almagro 50, Keay 22		1				1	4,2	1
	Subtotal	0	9	15	0	0	24	5,9	9
INDETERM.	Indeterminadas	1	1	31			33	8,1	1
Totais		12	19	377	0	1	409		24

Quadro 3 – Distribuição das Ânforas por fabricos e tipos.

bordos, uma Keay 62A/Bonifay 46 (Fig. 9, nº 8) e uma Spatheion/Keay 26/Bonifay 31 (Py, 1993; VV.AA., 2003; Bonifay, 2004) (Fig. 9, nº 9); Silva; Guimarães, 2013a, p.13). Por fim, o lote dos fabricos ibéricos revela significativa diversidade, decorrente especialmente da observação das pastas, dada a escassez de elementos típicos. Parecem assim reconhecer-se produções lusitanas, béticas e até alguns fragmentos atribuíveis ao centro oleiro viguês de Bueu, sem que possa precisar-se a sua tipologia (Morais, 2005, p. 133-5; 2007), para além de uma asa correspondente a um exemplar Almagro 50/Keay 22.

Do ponto de vista cronológico, o material anfórico traduz um universo globalmente balizável entre os séculos IV e VI, sendo a Almagro 50 o único tipo que admite uma datação ainda do século III (Almeida; Raposo, 2014), que aqui, e em confronto com o restante conjunto, nos parece bastante improvável. Considerando as recentes análises feitas para a cidade de Vigo e outros contextos do Noroeste, talvez a expressiva presença de LRA 1 possa articular-se com a grande difusão desta forma nas primeiras

décadas do século V (Fernández Fernández, 2013, p. 118, 125-9); enquanto a ocorrência igualmente significativa de LRA 2 corresponderá porventura ao incremento comercial traduzido por este tipo de contentores já entre finais do século V e os meados do VI (*Idem*, p. 147). Algumas das formas representadas em Crestuma admitem mesmo cronologias mais tardias, como é o caso das *Late Roman Amphorae* ou da Keay 62A, que este Autor situou entre o 2º quartel do séc. V e os meados do VI (Keay, 1984, p. 348-50) mas que foi datada do primeiro terço do séc. VII em contextos de Cartagena (Ramallo; Ruíz; Berrocal, 1997, p. 208; Vizcaino, 2005, p. 80; Reynolds, 2011).

Estes recipientes anfóricos são maioritariamente associados ao transporte de vinho ou seus derivados, embora existam tipologias ligadas a outros produtos, como é o caso das lusitanas e das ânforas de fabrico bético, embora em número bem inferior. Não obstante o NMI relativamente baixo destes contentores, a diversidade de formas e de pastas, a par de alguma amplitude temporal, revela-se muito interessante para caracterizar uma actividade comercial

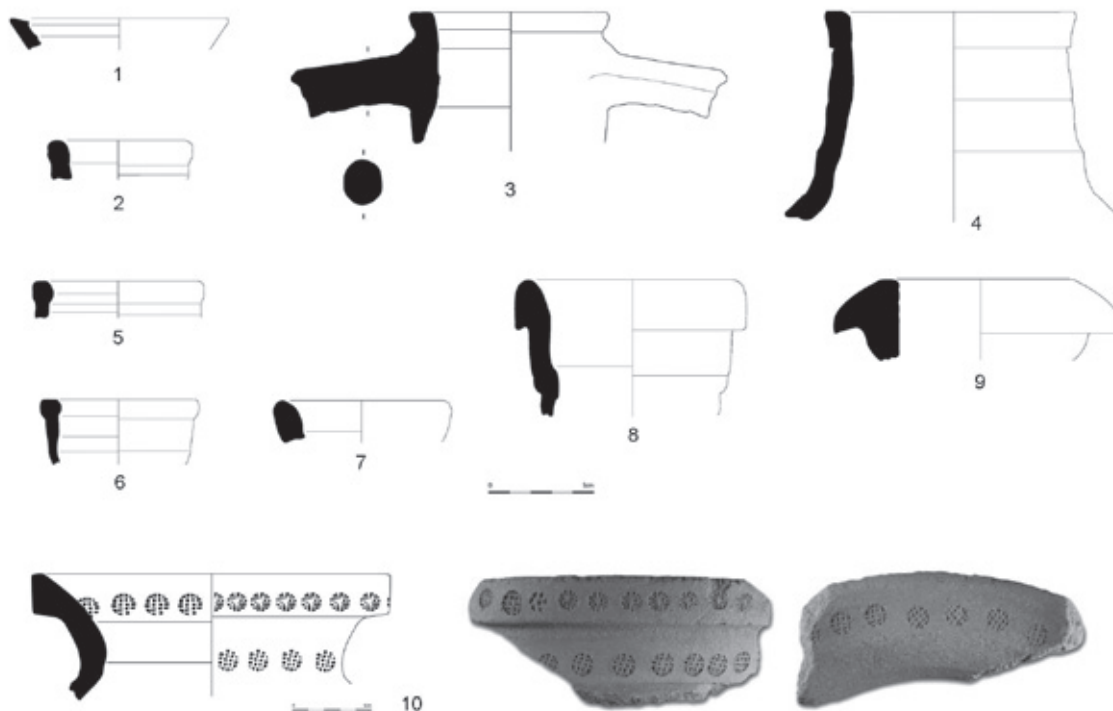


Figura 9 – Cerâmica de transporte e armazenamento: ânforas e *dolia*.

de largo espectro com origem por toda a bacia mediterrânica, desde o Médio Oriente, e que atingiu a costa atlântica desde Portugal às ilhas britânicas.

No que respeita aos *dolia*, observa-se uma representação muito escassa, devido certamente à natureza dos contextos seleccionados. Identificam-se apenas 46 fragmentos e entre eles apenas dois bordos, se bem que através das tipologias de pastas possa propor-se um NMI de 4 elementos.

Um dos bordos pode integrar-se no Tipo 2 da macro-tipologia proposta recentemente para o território português (Pereira, 2011b; 2012; no prelo), apresentando uma tipologia similar a outros exemplares recolhidos no Castro de Guifões, Matosinhos (Lima; Pereira, 2014) ou *Tongobriga*, Marco de Canaveses (Pereira, no prelo), estando enquadrado num horizonte cronológico variável entre os séculos IV e V. O segundo exemplar (Fig. 9, nº 10), de cronologia afim, apresenta o curioso detalhe de exibir decoração estampilhada (rosetas circulares de pontos) no exterior e interior do bordo (Silva; Guimarães, 2013a, p. 13; Silva; Pereira; Carvalho,

no prelo) e tem paralelo em *Tongobriga* (Pereira, no prelo) e outros locais.

8. CONCLUSÃO

O espólio destes contextos estratigráficos parece-nos muito interessante, mesmo considerando as condições particulares da formação dos depósitos secundários de onde provém, em dois planos.

Por um lado, tendo em conta a reduzida área de onde foram exumados estes materiais, apenas 32 m² (se bem que na prática resultem do deslocamento de depósitos situados a cota superior, como explicámos), deve ressaltar-se a significativa diversidade de proveniências e fabricos das cerâmicas, quer entre as *sigillatae* e as ânforas, quer nas cinzentas tardias (como sugere a diversidade das pastas), quer ainda entre a “cerâmica comum”, que aqui não apresentamos.

Noutro registo, o cronológico, parece observar-se, sobretudo a partir da análise da *terra sigillata*, uma assinalável concentração de produções da-

tadas dos séculos V e VI, o que é reforçado pela presença das cinzentas tardias do Grupo 1, não é desmentido pela representação anfórica e encontra igual confirmação a partir dos vidros. Esta proposta de datação, relativamente homogénea, para o contexto, que aguarda validação pelas datações radiocarbónicas e, naturalmente, um estudo ainda mais fino dos artefactos, será muito interessante, a confirmar-se, para o enquadramento da diversificação da cerâmica comum.

Com efeito, se em trabalhos anteriores aventamos a hipótese de que estes depósitos poderiam simplesmente reflectir a larga diacronia de ocupação do sítio, uma análise mais atenta do seu espólio revela agora a presença muito residual de cerâmicas posteriores ao século VI, nomeadamente ânforas e *sigillatae*, sugerindo porventura que o local tenha sido abandonado pelos séculos VII/VIII, ou que, pelo menos, os fenómenos deposicionais que originaram a sequência estratigráfica terão tido lugar em data anterior a posteriores (re)ocupações.

Por fim, a mesma variedade de origens e produções cerâmicas, com a presença de louça de mesa fina e, pelo menos, algumas dezenas de ânforas para transporte de vinho e porventura outros produtos, parece reforçar a proposta de interpretação do local como contexto portuário (Silva; Guimarães, 2011; 2013a; Silva; Pereira; Carvalho, no prelo), que seria assim entre os séculos V e VI um ponto receptor e certamente redistribuidor de bens de consumo mediterrânicos, provavelmente em articulação com *Portocale*, que nessa época parece ganhar uma certa centralidade, como também com outros núcleos urbanos da região e ainda, porventura, com as zonas mineiras de Valongo e Gondomar, na margem oposta.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos A. F. (1978) – *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho, desde as origens até 1220*. Trabalho complementar para apresentação de provas de doutoramento em História da Arte apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Texto dactilografado.

ALMEIDA, Carlos A. F. (1989) – Castelos e cercas medievais, séculos X a XIII. In MOREIRA, Rafael, dir. – *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, p. 38-54.

ALMEIDA, Carlos A. F. (1992) – Castelos medievais do Noroeste de Portugal. In *Finis Terrae. Estudios en Lembranza do Prof. Dr. Alberto Balil*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 371-85.

ALMEIDA, Rui R.; RAPOSO, Jorge M. C. (2014) – Almagro 50 (Lusitania occidental). In *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo*. Consulta em 23.05.2014. Disponível em <http://amphorae.icac.cat/tipol/view/14>.

[ATLANTE] = CARANDINI, Andrea, coord. (1981) – *Atlante delle Forme Ceramiche*. I. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana.

BONIFAY, Michel (2004) – *Etudes sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: Archaeopress (BAR IS).

BRANCO, Ana (2014) – *Os vestígios de Ânforas do Castelo de Crestuma*. Porto: Texto dactilografado. Trabalho realizado no âmbito da Licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2013) – Nuevos datos estratigráficos para el conocimiento de la TSHT en *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz). *Ex Officina Hispana. Cuadernos de la SECAH*. 1. Madrid, p. 91-116.

DELGADO, Manuela (1976) – Céramiques grises du Bas-Empire. In ALARCÃO, J.; ETIENNE, R., dirs. – *Fouilles de Conimbriga*. 6. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 65-9, 134-5.

DELGADO, M.; MORAIS, R. (2009) – *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. S.l.: CITCEM.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2010) – Resultados preliminares del estudio de la T.S. Focense (LRC) aparecida en Vigo (Galiza, España). *Rei Cretariæ Romanæ Favtorvm. Acta 41*. Bonn: *Rei Cretariæ Romanæ Favtorvm*, p. 375-84.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2013) – *O comercio tardo-antigo no Noroeste peninsular. Unha análise da Gallaecia sueva e visigoda a través do rexistro arqueolóxico*. Noia: Toxosoutos.

FONTES, L.; GASPAS, A. (1997) – Cerâmicas da região de Braga na transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média. In ARCHIMBAUD, G. D. – *La Céramique Médiévale en Méditerranée. Actes du VIe Congrès de l'AIECM2*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, p. 203-12.

- FREITAS, Lília (2013) – *Contributo para o estudo das cerâmicas comuns do Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães)*. Dissert. Mestrado apresentada à Univ. Minho. Braga. Texto dactilografado.
- FREITAS, Lília; REAL, Manuel (2014) – Contributo para o estudo das cerâmicas medievais (sécs.VI/VII a XIII) do mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães). In DE MAN; et Al., coord. – *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XIII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, p. 223-38.
- GASPAR, Maria Alexandra (1985) – Escavações arqueológicas na Rua de N.ª. S.ª. do Leite. *Cadernos de Arqueologia*. Série 2 (2). Braga, p. 51-125.
- GASPAR, Maria Alexandra (1995) – Cerâmicas medievais de Braga. In *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993)*. Actas. 8 (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*; 35.4). Porto, p. 253-70.
- GASPAR, Maria Alexandra (2000) – *Contribuição para o estudo das Cerâmicas Cinzentas dos séculos V-VI d.C. de Braga*. Dissert. Mestrado apresentada à Univ. Minho. Braga: Instituto de Ciências Sociais. Texto dactilogr.
- GASPAR, Maria Alexandra (2003) – Cerâmicas cinzentas da Antiguidade Tardia e Alto-medievais de Braga e Dume. In *Anejos de Archivo Español de Arqueologia*. 28. Madrid, p. 455-81.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1993a) – Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: as *tegulae*. *Lycerna, Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos*. Porto, 2.ª série, 3, p. 217-35.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1993b) – *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Gaia*. V. N. Gaia: Câmara Municipal/Solar Condes de Resende.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; GUIMARÃES, Susana Gonçalves (2001) – O Castelo de Crestuma, uma estação arqueológica quase desconhecida. *Al-Madan*. 2ª série. 10. Almada, p. 43-7.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; SILVA, António Manuel S. P. (2010) – *Programa de investigação arqueológica e valorização cultural do Complexo Arqueológico do Castelo de Crestuma. Vila Nova de Gaia. Projecto CASTR'UÍMA*. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património. Texto dactilografado.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura; PINTO, Filipe S. (2013) – O Complexo Arqueológico de Crestuma – Resultados da primeira campanha de escavações arqueológicas. In PINTO, F. M. S., coord. – *Terra de Santa Maria: espaços de cultura em debate no 10.º aniversário da revista Villa da Feira*. Santa Maria da Feira: Liga dos Amigos da Feira, p. 45-67.
- HAYES, John (1972) – *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, John (1980) – *Supplement to Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.
- HESNARD, Antoinette (1998) – Des amphores pour l'histoire du commerce. Que compter et pourquoi. In ARCELIN, Patrice; TUFFREAU-LIBRE, Marie, dir. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table-ronde (...) du Mont Beuvray*. Glux-en-Glenne: C.A.E. (*Bibracte* ; 2), p. 17-22.
- KEAY, Simon J. (1984) – *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence*. Oxford. (*BAR International Series*; 196).
- LIMA [PIRES], Conceição; PEREIRA, Pedro (2014) – Os Recipientes de Tipo *Dolium* no Castro de Guifões (Guifões, Matosinhos): novos dados para o estudo da romanização de um castro marítimo. *Al-Madan Online*. 2ª Série. 18 (Tomo 2). Almada: Jan. 2014, p. 125-130. Consulta em 15.04.2014. Disponível em <http://issuu.com/almadan/docs>.
- MARTÍNEZ PEÑIN, Raquel (2013) – Estudio preliminar de las producciones cerámicas tardoantiguas y altomedievales localizadas en la ciudad de Braga (Portugal). *Estudios Humanísticos. Historia*. 12. León, p. 65-89.
- MAYET, Françoise (1984) – *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. Paris: Diff. Du Boccard.
- MORAIS, Rui (2005) – *Autarcia e Comércio em Brácaro Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Braga: UAUM/NARQ. 2 vols.
- MORAIS, Rui (2007) – Ânforas de Tipo *Urceus* de produção bética e produções regionais e locais do NW peninsular. In Bernal Casasola, Darío; Lagóstena, L.; Arévalo, Alicia, eds. – *Cetariae 2005: Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad: actas del congreso internacional (Cádiz, 7-9 Nov. 2005)*. Oxford: Archaeopress, p. 401-15.
- PAZ PERALTA, Juan A. (1991) – *Cerâmica de mesa romana de los siglos III al VI en la provincia de Zaragoza*. I. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.
- PEREIRA, Pedro (2011a) – Trabalhos arqueológicos no Castelo de Crestuma (Crestuma, Vila Nova de Gaia) – Campanha de 2011. *CEM. (Cultura, Espaço & Memória)*; 2). Porto, p. 303-5.
- PEREIRA, Pedro (2011b) – Uma história de *dolia*: uma primeira análise aos recipientes cerâmicos de armazenagem de Vale do Mouro (Coriscada, Meda). *CEM. (Cultura, Espaço & Memória)*; 2). Porto, p. 75-82.
- PEREIRA, Pedro (2012) – Materiais esquecidos. O espólio cerâmico de armazenamento (*dolia*) do Alto da Fonte do Milho, Peso da Régua. *Al-Madan Online*. 2ª Série. 17 (Tomo 1). Almada: Jun. 2012, p. 170-173. Consulta em 15.04.2014. Disponível em <http://issuu.com/almadan/docs>.

- PEREIRA, Pedro (no prelo) – Os Recipientes de Tipo *Dolium* de Tongobriga – um estudo de caso. *CEM. (Cultura, Espaço & Memória; 5)*. Porto.
- PY, Michel, dir. (1993) – Dictionnaire des céramiques antiques (Vlle s. av. n. è.-Vlle s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan) [Dicocer 1]. *Lattara 6*. Lattes. Reemp. 2007. Disp. em <http://syalat.on-rev.com/DICOCER/d.index.html>.
- QUARESMA, José Carlos; MORAIS, Rui (2012) – Eastern Late Roman Fine Ware imports in Bracara Augusta (Braga, Portugal). In *Rei Cretariae Romanæ Favtorvm Acta 42*. Bonn: *Rei Cretariae Romanæ Favtorvm*, p. 373-83.
- RAMALLO ASENSIO, Sebastián; RUIZ, E.; BERROCAL, M. C. (1997) - Un contexto cerámico del primer cuarto del siglo VII en Cartagena. In *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X). Taula Rodona. (Arqueo Mediterrània; 2)*. Barcelona, p. 203-28.
- REYNOLDS, Paul (1995) – *Trade in the Western Mediterranean, AD 400-700: The ceramic evidence*. Oxford: *Tempvs Reparatvm*.
- REYNOLDS, Paul (2004) – The Roman pottery from the Trinconch Palace. In HODGES, R; BOWDEN, W.; LAKO, K., eds. – *Byzantine Butrint excavations and surveys 1994-1999*. Oxford, p. 224-395.
- REYNOLDS, Paul (2011) – A 7th century deposit from Byzantine CarthagoSpartaria (Cartagena, Spain). In CAU, M. A.; REYNOLDS, P.; BONIFAY, M. – *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of Typology and Chronology. A review of the evidence, debate and new contexts*. Oxford: Archaeopress (RLAMP; 1), p. 99-128.
- SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Texto dactilografado.
- SILVA, António Manuel S. P. (1995) – Escavações arqueológicas em S. João de Valinhas. Do primitivo castro ao castelo de Arouca. *Poligrafia*. 4. Arouca, p. 199-220.
- SILVA, António Manuel S. P., coord. (2004) – *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal.
- SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Revisão do Plano Director Municipal de V. N. Gaia: Património Arqueológico; Património Geomorfológico. Relatório Final*. V. N. Gaia. Disp. em <http://www.gaiurb.pt/pdm.htm>.
- SILVA, António Manuel S. P. (2013) – Arqueologia do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia). Resultados preliminares da campanha de 2013. *Revista de Portugal*. 10. Vila Nova de Gaia, p. 5-13.
- SILVA, António Manuel S. P. (2014) – El Castillo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, Portugal). Entre la romanidad tardia y la edad media: los retos de un sitio complejo. In *Las fortificaciones en la tar-doantigüedad: Elites y articulación del territorio (siglos V-VIII d.C.)*. Madrid: La Ergástula, p. 389-99.
- SILVA, António Manuel S. P.; CARVALHO, Teresa P. (2014) – Originalidade e tradição clássica na cerâmica local e regional tardo-antiga do castelo de Crestuma (V. N. Gaia, Portugal). In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J. (eds.) – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. S.l. [Porto-Madrid]: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Ex Officina Hispana, p. 381-396. ISBN 978-989-8648-35-8 [Monografias Ex Officina Hispana, 2].
- SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2011) – O Castelo de Crestuma revelado pela Arqueologia. As principais fases de ocupação do sítio arqueológico. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 13 (73). Vila Nova de Gaia, p. 5-13.
- SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013a) – *Castelo de Crestuma: a arqueologia em busca da história*. Vila Nova de Gaia: Águas e Parque Biológico de Gaia, EM/ASCR-Confraria Queirosiana.
- SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013b) – O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia e a ocupação tardo-antiga no Baixo Douro. In *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. [DVD]. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 883-93.
- SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo A. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2013) – O Casal tardo-romano da Malafaia (Arouca), exemplo de uma modalidade de ocupação romana menos conhecida no Norte de Portugal. In *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. [DVD]. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 865-71.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Pedro; CARVALHO, Teresa P. (no prelo) – Conjuntos cerâmicos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, N. Portugal): primeiros elementos para uma sequência longa (Sécs. IV-XI). In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo (Silves, 22-27 de Outubro de 2012)*.
- SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (1999) – A intervenção arqueológica em S. João de Valinhas (Arouca, Aveiro). Do povoado castrejo ao castelo da Terra de Arouca. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida – In memoriam*. 2. Porto: Faculdade de Letras, p. 363-74.
- SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura (2014) – Cerâmica do período da “Reconquista” (séculos X-XI) proveniente do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia). In DE MAN; et Al., coord. – *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, p. 205-22.

SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo; ABREU, João; RIBEIRO, Manuela (2008) – La estación romana de Malafaia, en el extremo noroeste de la Lusitania. In FERNÁNDEZ OCHOA, C.; et Al., eds. – *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio: arquitectura y función. 4º Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón*. Gijón: Trea, p. 719-29.

SOUSA, Arlindo de (1945) – Nótulas arqueológico-históricas. Vila-da-Feira Lusitano-Romana (...). *Anales de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*. Ano 10 (2). Madrid, p. 399-412.

SOUSA, Arlindo de (1957) – *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-romanas, Romana e Romana Portuguesa*. Rio de Janeiro.

VIZCAÍNO SÁNCHEZ, Jaime (2005) – Carthago Spartaria en época bizantina. Aspectos de la vida cotidiana. In RUÍZ VALDERAS, E., coord. – *Bizancio en Carthago Spartaria. Aspectos de la vida cotidiana*. Cartagena: Museu Arqueológico Municipal, p. 43-137.

VV.AA. (2003) – *Dictionnaire des céramiques anciennes. Dicocer* 3. [Em linha]. [Consulta em 28.04.2014]. Disponível em <http://syslat.on-rev.com/DICOCER/d.index.html>.